

## FILOSOFIA, CINEMA E PEDAGOGIA: UMA POSSIBILIDADE POÉTICA DE ENSINO

PHILOSOPHY, CINEMA AND PEDAGOGY: AN EDUCATION POETIC POSSIBILITY

Carlos Francisco de Paula Nadalim<sup>1</sup>

Resumo: Demonstrar as possibilidades de levarmos os alunos, por meio do cinema, a deformações das imagens como técnicas do seu desenvolvimento criativo. Despertá-los para o campo da criação poético-imagética a partir de materiais que fazem parte de seu cotidiano: o cinema. Com isso, proporcionarmos a possibilidade, a cada apresentação de uma obra cinematográfica, de gerar aquele momento de impacto presentificativo no discente, levando-o ao encontro do estágio filosófico-estético denominado espanto.

Palavras Chave: A vida enquanto arte do encontro; Imaginação; Deformação; Espanto.

Abstract: Showing the possibilities of taking to our students, through cinema, the image distortions as techniques for their creative development. To raise their interests to the poetic-imagetic creation field starting from materials found on heir daily bases: the cinema. Thus, we give the opportunity, on each cinematographic work presentation, of generating that presentificative impact moment on students, leading them to the philosophic-aesthetic stage defined as astonishment.

Key words: Life as meeting at; Imagination; Distortion; Astonishment.

A proposta de vincularmos filosofia, cinema e educação como instrumentos, que possibilitam uma pedagogia poética, motiva-nos a apresentar um verso de Vinícius de Moraes para abrir as portas do presente artigo: *“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida<sup>2</sup>”*.

Este verso, além de abrir, também permeia as linhas esculpidas neste trabalho. Com isso, chamamos à atenção para a possibilidade de extrairmos do mesmo algo de ausente. É como se um simples verso criasse a possibilidade de saltos interpretativos variados, pelo fato de conter em si, de forma condensada, várias perspectivas.

Uma leitura literal deste verso poderia nos levar a uma interpretação um tanto quanto reducionista. Até poderíamos dizer que o poeta

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia, no Colégio Londrinense, e de guitarra e violão, no Conservatório musical do Colégio Londrinense e Colégio Canadá, é bacharel em direito e pós-graduado em História e Teorias da Arte, pela Universidade Estadual de Londrina. Cursa Mestrado em Educação e Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea, na mesma universidade.

<sup>2</sup> MORAES, Vinícius; POWELL, Baden. Samba da Bênção.

quis representar aqueles momentos de formação e quebra dos mais variados tipos de laços: amizades, namoros, casamentos, dentre outros; porém, em se tratando de Vinícius de Moraes, tais predicções não seriam dignas de sua altura. Ou melhor, poderíamos considerá-las precipitadas. Desta forma, problematizamos a descrição poética na busca de sua elevação a um patamar de menor explicitude. Convidamos o leitor a esquadrihar aquilo que se ausenta dentro do verso presente. Ausência e presença são conceitos antitéticos. Antecipamos, assim, aquilo que, nas linhas subseqüentes, desenvolvemos de forma mais detalhada. Apresentamos aquela dinâmica de intersecções, que permeia o mundo da imaginação.

De acordo com Bachelard, autor que nos conduz para esta poética imagética, perceber e imaginar são tão contrários quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova. Clichês de um autor que apenas nos traz obviedades? Não. Trata-se de uma observação peculiar, se considerarmos o aniquilamento estético, que vêm sofrendo os homens contemporâneos, principalmente no que diz respeito à apreciação das obras de arte.

Para reforçar este ponto sobre a ausência nas obras de arte, citamos um poema de Arseni Tarkoviski (2002 p.229), no qual diz:

Agora o verão se foi  
E poderia nunca ter vindo  
No sol está quente  
Mas tem que haver mais.

Tudo aconteceu,  
Tudo caiu em minhas mãos  
Como uma folha de cinco pontas  
Mas tem de haver mais.

Nada de mau se perdeu,  
Nada de bom foi em vão,  
Uma luz clara ilumina tudo,  
Mas tem de haver mais.

A vida me recolheu,  
À segurança de suas asas,  
Minha sorte nunca falhou,  
Mas tem de haver mais.

Nem uma folha queimada,  
Nem um graveto partido,  
Claro como o vidro é o dia,  
Mas tem de haver mais.

Por trás da clareira há obscuridade. A luminosidade não proporciona o esclarecimento do real. O homem é que se depara com a claridade e não o contrário. Logo, o que é claro torna-se obscuro. Mas, esta obscuridade está longe de ser classificada pejorativamente como um mar de trevas. Podemos dizer que ela é a ânsia do homem por aquilo que se esconde, por aquilo que se apresenta de forma enigmática e misteriosa, enfim, por aquilo que se ausenta. Esta ânsia transporta-nos para formação, ou melhor, para a deformação daquilo que se presentifica, por meio das impressões, ao nosso ser.

Ao pronunciarmos a palavra imaginação, somos levados a compreendê-la de modo a considerar seu significado etimológico. Seguindo tal raciocínio, seríamos levados a interpretá-la como a capacidade de formar imagens. Bachelard, de forma singela e, ao mesmo tempo, fantástica, contraria tal senda. Para ele, imaginação seria a faculdade de deformar as imagens fornecidas pelas percepções:

Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante. Se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. Há percepção, lembrança de uma percepção, memória familiar, hábito das cores e das formas (BACHELARD, 2001, p.1).

É no ausentar do ser, que ele se apresenta. A intensidade da presença encontra seu tempero nas projeções, proporcionadas pelo seu ausentar. Jogo de palavras? Técnicas semânticas para geração de uma bipolaridade insolúvel entre presente e ausente? Resposta: - Bem vindos ao mundo da arte.

A filosofia trilha seu caminho graças ao sentimento de espanto. Há uma problemática estética no seio de sua gênese. É no âmbito do

surpreender-se que ela se dá. Poetar e filosofar, embora, num primeiro momento, distantes pelas suas estruturas constituintes, encontram-se em períodos, em que a formação do pensar se funde com o *pathos*.

A palavra *encontrar* retorna no bojo de nosso texto. A nostalgia toma conta de nosso ser, mas longe de ser um sentimento, apenas de lembrança, carrega em si uma deformação do seu sentido. Trilhamos, sem perceber, os caminhos da imaginação. O verso de Vinícius retoma seu lugar no presente trabalho enquanto algo deformado. Neste ausentar do verso começamos a presentificá-lo sob uma nova perspectiva.

Dado este pano de fundo, voltemos à fala do poeta: “A vida é a arte do encontro...”. Não avancemos mais, pois há muito, onde estamos. Este trecho do verso já nos proporciona a possibilidade de ausentar-se dele, de imaginá-lo em outra esfera. Deformando-o, podemos pensar que, se a vida é definida enquanto *arte*, os encontros que travamos são múltiplos dentro de nossa existência. Logo, podemos estabelecer encontros com a natureza, com o menino que empina seu papagaio, com os seres espirituais, com o quadro de Leonardo, com o urso de pelúcia, com o aluno sentado no canto esquerdo da sala. Porém, é necessário, para sacralizar o momento, enquadrá-lo de tal forma que o encontro torne-se obra de arte. Sublimando-o, podemos transportá-lo para o reino da eternidade, mesmo sabendo que a perenidade não rege a natureza fluídica de nossa existência.

Essa capacidade de sublimação nos é dada pela arte. Com isso, a banalidade e o ordinário ganham contornos, que vão além do banal, além do ordinário. O ser humano enquanto *trans-formador* da realidade.

“A vida é a arte do encontro”, a vida enquanto possibilidade constante de produções de obras de arte; “*embora haja tantos desencontros pela vida*”, embora haja tantos seres não artísticos, não poéticos pela vida. Embora haja tantos seres sem a capacidade de sublimar o aperto de mão em um poema, de pintar a face do menino que pede esmolas no semáforo, de fotografar o poente, de filmar o rosto da velha que se vai.

Esta sublimação, este enquadramento do momento é o que a arte nos proporciona. Contudo, como nos propomos a ligar educação com cinema,

entremos no palácio desta recente musa da história da arte.

Antes de mais nada, o cinema é a fotografia em movimento. Enquanto a música conserva seu caráter de modelagem cronológica do tempo, o cinema apresenta-se enquanto arte da modelagem crônica do tempo. Aqui, a vida de um indivíduo é o objeto do artesão-cineasta que, através de uma atuação demiúrgica, esculpe o tempo. E neste esculpir cinematográfico ocorre a captura do tempo, fluindo no fotograma.

Essa fusão entre imagem e movimento faz da arte cinematográfica aquilo que podemos chamar de o imaginário da modernidade. Podemos, sem hesitar, dizer que ela toma conta do imaginário do homem contemporâneo por se assemelhar à arte dos sonhos. Sonhamos cinema.

Contudo, com a avalanche de filmes produzidos pela indústria do entretenimento, muitas das perspectivas de leitura, daquilo que se ausenta, são descartadas pelos olhares desatentos da contemporaneidade pragmática. Para colaborar, no campo pedagógico, professores se utilizam da técnica de sinopse para levar os alunos a suas considerações sobre determinado filme. Em outras palavras, gera-se um campo de discussões, visando uma uniformidade de entendimento sobre determinada obra.

Podemos considerar estas e outras práticas similares ao ato de assistirmos “Matrix”, comendo pipoca e bebendo guaraná. Não existe possibilidade da ocorrência do despertar imaginário sobre as imagens, nas quais o apreciador é colocado em condições anti-imaginárias.

A nebulosidade de tais constatações sobre a atualidade transportou-nos para uma discussão, num determinado momento, que nos distanciou da beleza dentro da qual caminhávamos. Voltemos a ela. Retornemos a casa da arte cinematográfica e sua poética.

Considerando a questão fotográfica que há no filme, o cinema nos proporciona uma riqueza de possibilidades de conexões entre suas cenas. No ato de analisarmos uma obra de arte cinematográfica, ao desconstruí-la em partes, na verdade, estamos em busca de uma reconstrução, de uma reconstituição. Voltado a Bachelard, essa deformação das imagens, dadas pelo filme, visa uma reconstrução da obra, uma releitura.

Todavia, uma análise busca sustentar possibilidades de leituras sobre o objeto artístico dado. Logo, ela deve fracassar para que a obra seja resguardada. Toda análise apresenta-se enquanto possibilidade de leitura.

Por meio das imagens cinematográficas, consolidaríamos um ensino de filosofia mais instigante no que tange as múltiplas possibilidades de abordagens filosóficas que as imagens nos proporcionam. Desta forma, estimularíamos os alunos a percorrer a seara do estudo filosófico não de forma enfadonha, mas através do espanto que muitas das obras cinematográficas podem gerar.

Para encerrar, um poema, no qual o autor deste artigo descreve algumas das deformações imaginárias, que o termo *presente* gerou em seu ser:

#### Presente

Presente que dói ao senti-lo no tempo.  
Temporalidade que se perde no embrulho da noiva.  
Sofrem, ainda, aqueles que buscam no passado, e futuro, algo que dê sentido aos  
seus laços.  
Agora, sinto os porquês e os aceito.  
Afirmo a vida, colhendo a morte desta afirmação.  
Caixa fechada do presente em aberto...  
Prestes a morrer, melhor seria cavalgar entre laços sem nós, sem aberturas, sem  
sentimentos, sem presentes...

#### Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica. Ética a Nicômaco. Poética*. São Paulo: Victor Civita, 1984.

BACHELARD, G. *O Ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TARKOVISKI, Andrei. *Esculpir o Tempo*. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

**Recebido em: 09 de abril de 2007.**

**Aprovado em: 14 de maio de 2007.**